

A contextualização histórica e geográfica dos quilombos do campo grande

Edson da Silva Filho

Mestrando do Programa de Pós-graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial, PUC Minas
edsonsf1@gmail.com

Oswaldo Bueno Amorim Filho

Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial, PUC Minas
taitsonbueno@terra.com.br

José Flávio Morais Castro

Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial, PUC Minas
joseflavio@pucminas.br

RESUMO

Neste trabalho, são abordados aspectos da organização dos negros das Minas Gerais do século XVIII em quilombos. Analisam-se a bibliografia e a documentação cartográfica que fazem referência à organização quilombola conhecida como Quilombo do Ambrósio. O estudo em questão versa sobre a decodificação de mapas, dos elementos ou significantes que os constituem, referentes às operações cartográficas de localização, orientação, projeção, redução e expressão gráfica referentes ao “Mapa de Todo o Campo Grande” (Costa, 2004); e do “Mappa da Conquista do Mestre de Campo Ignacio Correya Pamplona” (Costa, 2004), nesse trabalho entendidos como fonte primária de informação e pesquisa. Será apresentado um conjunto de mapas, resultantes da vetorização e da aplicação dos recursos da cartografia digital, relativa aos dois documentos históricos, juntamente com análises geográficas e conclusões desse trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Quilombos; Cartografia Histórica; Cartografia Digital; Geografia Histórica; Minas Gerais.

ABSTRACT

This paper discusses aspects of the organization of the black people in quilombos in the Minas Gerais of the XVIIIth century. We analyze the bibliography and the cartographic documentation that make reference to the set of quilombos located in the ample region known, at that time, as Campo Grande. The study presents the decoding of maps, of the significant elements that constitute them, referring to the cartographic operations of localization, orientation, projection, reduction and graphical expression concerning the “Mapa de Todo o Campo Grande” (Costa, 2004) and the “Mappa da Conquista do Mestre de Campo Ignacio Correya Pamplona”(Costa, 2004), both considered, in this inquiry, as primary source of information and research. It will be presented as well as set of maps resultanting of the vectorization and the application of digital cartography to the two historical documents, together with geographic analyses and conclusions.

KEYWORDS: Quilombos; Historical Cartography; Digital Cartography; Historical Geography; Minas Gerais.

I - QUILOMBOS DO CAMPO GRANDE

O presente estudo trata do conjunto de quilombos que se estenderam por uma grande área, localizada, nesse período, na Comarca do Rio das Mortes, abrangendo as nascentes do Rio São Francisco e as duas margens do Rio Grande, local que hoje corresponde ao Triângulo Mineiro, sul, sudoeste e centro-oeste de Minas Gerais, bem como áreas do nordeste do estado de São Paulo. Essa extensa região, à época denominada de Campo Grande, era então pouco povoada, mas de solo favorável à prática da agricultura, com água em abundância e distante das vilas de maior expressão. Esse potencial favoreceu o surgimento de vários quilombos, que ocuparam diferentes áreas dessa vasta região. Eram, em sua maioria, agropastoris, porém apresentando grande variação populacional, “podendo ser constituídos da reunião de poucas pessoas, até a aglomeração de centenas de indivíduos, que realizavam atividades distintas dentro da estrutura hierárquica e administrativa do Quilombo”. (BARBOSA, 1972, p.31).

Analisa-se a bibliografia e a documentação cartográfica que fazem referência à organização quilombola conhecida como Quilombo do Ambrósio. Essa organização, oficialmente designada por Quilombo Grande ou Campo Grande, foi destruída e, em seu lugar, outra foi construída, sendo também chamada de Quilombo Grande, embora às vezes aparecesse na correspondência oficial a designação popular de Quilombo do Ambrósio.

O presente trabalho versa sobre a decodificação dos mapas, a saber, dos elementos ou significantes que os constituem, referentes às operações cartográficas de localização, orientação, projeção, redução e expressão gráfica. Dessa forma, levantam-se dados que são interpretados e relacionados a eventos histórico-geográficos importantes que ocorreram na Capitania de Minas Gerais, principalmente no campo dos interesses econômicos e políticos até a década de 1780.

A análise dos documentos históricos foi realizada com base na metodologia de análise de mapas históricos desenvolvida por José Flávio Morais Castro (2006, p. 04), representada na Figura abaixo e descrita sucintamente por seu autor em seguida.

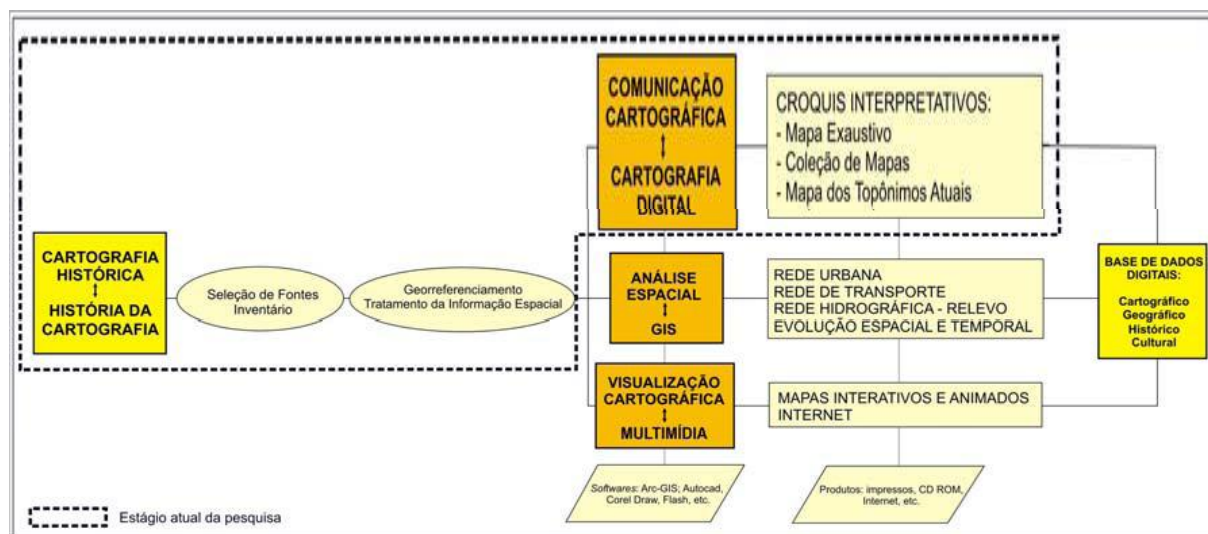


Figura 01: Metodologia (esquema) de análise de mapas históricos. Fonte: CASTRO, 2006, p.4.

A metodologia de análise de mapas históricos (Fig. 1) tem por base o georreferenciamento e o tratamento da informação espacial. Aplicando-se as teorias da Comunicação Cartográfica, da Análise Espacial e da Visualização Cartográfica e utilizando-se dos recursos oferecidos pela Cartografia Digital, pelos Sistemas de Informações Geográficas (GIS) e pela Multimídia, é possível obter variados produtos cartográficos digitais; dentre eles, encontram-se os croquis interpretativos, a análise de redes e os mapas interativos e animados. (CASTRO et., 2006, p. 3-4)

Trata-se especificamente do estudo dos seguintes documentos, considerados fontes primárias de informação:

Mapa de todo o Campo Grande tanto da parte da Conquista, q' parte com a Campanha do Rio Verde, e S. Paulo, como de PiuEy Cabeceyzas do Rio de S. Francisco, e Goyazes. Na entrada que se fes apos çertoes das conquistas do Campo grande por ordem do Ilmo. Sr. Conde de Bobadela como se ordenou ao Capp.am. Antônio Francisco França” - cópia de 1765, medindo 43 x 89,5 cm, manuscrita e aquarelada, sob a guarda do Instituto de Estudos Brasileiros, IEB – USP (COL. JFAP, 23 – Folha 19); e de O mapa da Conquista do Mestre de Campos Regente Chefe da Região Ignacio Correya Pamplona, elaborado por Manoel Ribeiro Guimarães, citado como uma cópia de 1784, manuscrita em aquarela, que mede 32 x 40 cm, do Arquivo Histórico Ultramarino – AHU (n. 258/1165). (COSTA, 2004, p.62)

II - PREPARAÇÃO E ANÁLISE DA DOCUMENTAÇÃO CARTOGRÁFICA HISTÓRICA

Um dos primeiros passos do estudo diz respeito à preparação da documentação cartográfica histórica, de forma que possa ser utilizada como fonte primária de informação e pesquisa. Dessa forma, após decodificação dos signos e informações da documentação, procede-se o georreferenciamento dos mapas históricos.

Quando “georreferenciamos uma imagem, estamos nada mais que trazendo dados do meio físico para o meio digital, ou seja, ajustando a área da imagem e a sua posição real” (PALHARES, 2002, p. 11). Estamos ajustando a localização dos lugares cartografados no passado com os seus correspondentes atuais.

O processo de georreferenciamento de documentação histórico-cartográfica tem início com a preparação dos mapas em papel para serem copiados em equipamentos scanners. Mapas históricos digitalizados podem ser incorporados em um Sistema de Informações Geográficas (SIG) como imagens gráficas. O mesmo processo pode ser utilizado com fotografias digitais de alta resolução, que também são utilizadas como fontes de entrada de informações cartográficas históricas.

É necessário selecionar e fazer um controle dos pontos no mapa histórico, visando realizar um alinhamento dos lugares cartografados no passado com sua correspondente localização geográfica atual. Busca-se atribuir coordenadas geográficas modernas a cada um dos pontos destacados na documentação histórica, de forma que cada topônimo marcado no mapa histórico corresponda às coordenadas dos mapas atuais.

Uma vez que o controle de pontos tenha sido feito, realiza-se a aplicação de algoritmos matemáticos, que deformam a imagem do mapa original, adequando-a da melhor maneira possível às projeções dos mapas atuais. Para que um mapa histórico possa ser georreferenciado, é necessária a inserção no programa de, no mínimo, quatro indicações de coordenadas geográficas. Caso o mapa histórico não apresente coordenadas geográficas, devemos buscar indicações de antigos topônimos, lugares, pontos do relevo, hidrografia, etc., que possam ser identificados na paisagem atual. Uma vez identificados esses pontos, podemos georreferenciar o mapa histórico, traçando suas coordenadas a partir de dados já conhecidos e disponíveis em nosso sistema ou banco de dados.

Após ser georreferenciada, a documentação histórico-cartográfica pode ser inserida e manipulada em diferentes SIGs, onde será construída sua vetorização. A vetorização consiste em criar *layers* para as feições que serão pesquisadas no mapa, como hidrografia, estradas, caminhos, paróquias, etc. (PALHARES, 2002, p. 07)

A partir da inserção dos documentos no ambiente do programa Arq Gis 9.2, foram criados *layers* para cada um dos atributos dos mapas, (hidrografia, caminhos, quilombos, etc.), possibilitando a realização da representação gráfica em nível elementar, onde cada informação é apresentada em separado (Fig. 4). A partir da superposição de cada um dos *layers* digitais, criou-se o mapa exaustivo (Fig. 3), que reúne, todos os atributos em um único arquivo digital, construído a partir da decodificação do mapa original.

A utilização da metodologia de análise de mapas históricos resultou na obtenção de uma coleção de mapas digitais, com representações elementares e exaustivas, que possibilitam diferentes análises de cunho geográfico e histórico seguidas de informações históricas referentes ao conjunto de quilombos aos quais se referem as fontes históricas.

III - CONTEXTO HISTÓRICO E ANÁLISE DO MAPA DE TODO O CAMPO GRANDE

O “Mapa de todo o campo Grande tanto da parte da Conquista, que parte com a Campanha do Rio Verde, e São Paulo, como de Pihui Cabeceiras do Rio São Francisco, e Goiazes”, apresentado na Fig. 2 “trata em especial da entrada comandada pelo Capitão Antônio Francisco França para a Conquista dos Sertões da região do Sapucaí, por ordem do Ilmo. Sr Conde de Bobadela (Ofício de 08 de julho de 1759, VASCONCELOS, 1999, citado por COSTA, 2004, p.59)

O documento traz a localização de 24 (vinte e quatro) núcleos de quilombos localizados e/ou destruídos na expedição realizada em 1759, comandada pelo Bandeirante Bartolomeu Bueno do Prado, fato descrito por Tarcísio José Martins (1995, p.223) como grande ataque ao Campo Grande.

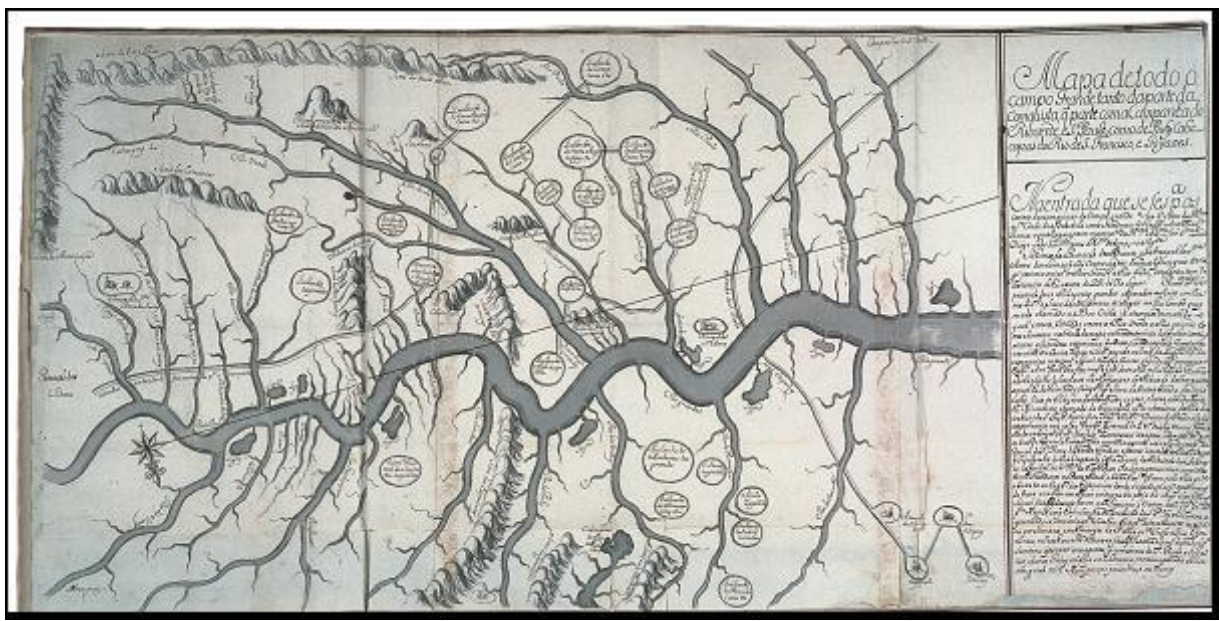


Figura 02: Mapa de todo o campo Grande tanto da parte da Conquista, q'parte com a Campanha do Rio Verde, e S. Paulo, como de Pihuy Cabeceyras do Rio S. Francisco, e Goyazes na entrada que se fez para os certoes das conquistas do Campo grande por ordem do Illmo. Sr. Conde de Bobadela como se ordenou ao Capp.am. Antônio Francisco França. - cópia de 1765, medindo 43 x 89,5 cm, manuscrita e aquarelada. Fonte: Mapa Sob guarda do IEB-USP, citado por COSTA, 2004, p. 62.

Os dados históricos apresentados apontam que as décadas de 1740 e 1750 foram marcadas por um intenso processo repressivo aos quilombos. A campanha de 1746 partiu de Ponte Alta, lugar que provavelmente localiza-se na região do centro-oeste de Minas. Acredita-se que as expedições da década de 1740 tenham se dedicado ao combate aos quilombos das regiões das atuais cidades de Formiga, Cristais, Bambuí e Piumhi. Há indícios de que as autoridades conheciam a localização dos quilombos, uma vez que as expedições tinham o objetivo de destruí-los, e não de localizá-los, de acordo com os registros presentes no mapa em foco. (BARBOSA, 1972, p. 33)

É possível que a “Primeira Povoação do Ambrósio” tenha de fato sido o primeiro Quilombo do Ambrósio, destruído em expedições militares realizadas na década de 1740, provavelmente na expedição de 1746. Acredita-se que os sobreviventes e lideranças do Quilombo do Ambrósio avaliaram que seria estratégico reconstruir o quilombo em outra área que apresentasse condições favoráveis de sobrevivência e defesa. Dessa forma, foi construído um segundo Quilombo do Ambrósio na região das cidades mineiras de Ibiá e São Gotardo.

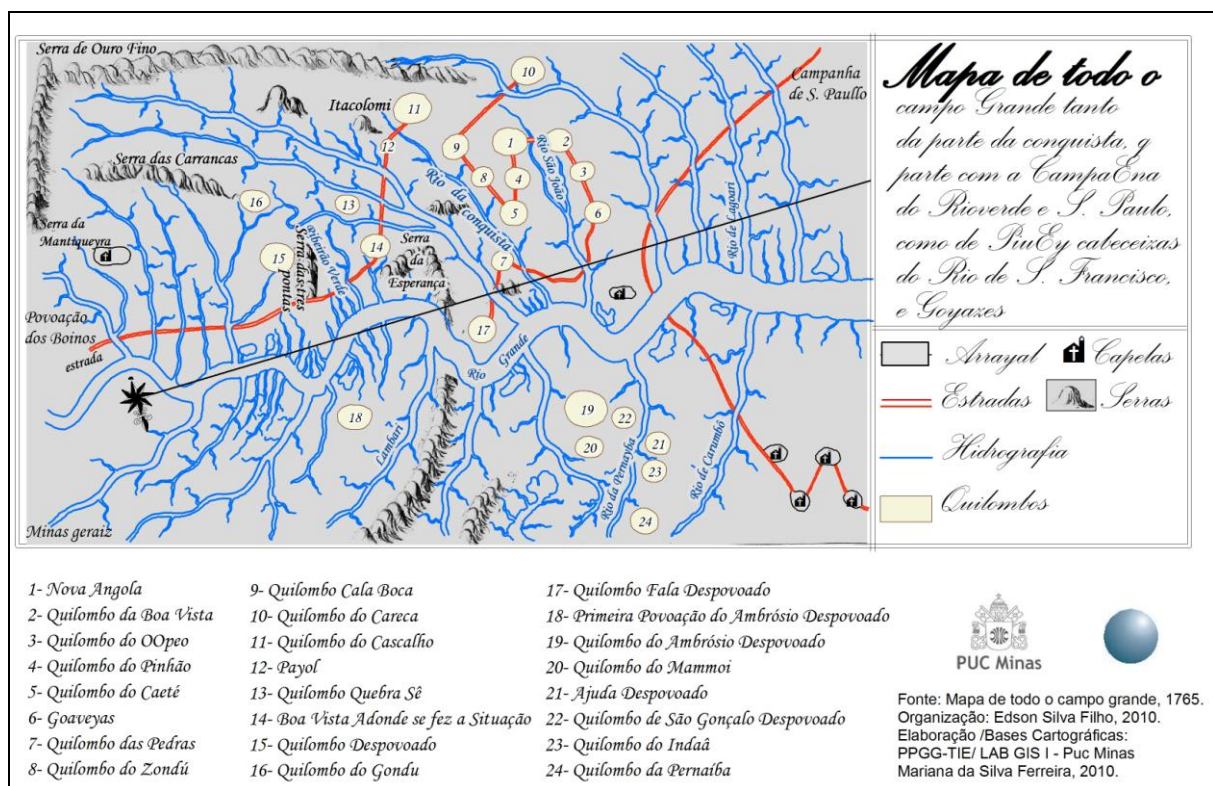


Figura 03: Mapa Exhaustivo de Todo o Campo Grande Fonte: Mapa Sob guarda do IEB-USP, citado por COSTA, 2004, p. 62 retrabalhado por Silva Filho a partir do mapa original.

Na margem direita do Rio Grande, são localizados 7 (sete) quilombos, dos quais dois fazem referência ao Quilombo do Ambrósio. As citações “Primeira Povoação do Ambrósio despovoada” e “Quilombo do Ambrósio despovoado” se referem ao mesmo quilombo, porém localizado em lugares diferentes. A hipótese que se levanta é que a “Primeira Povoação do Ambrósio despovoada”, descrita no “Mapa de Todo o Campo Grande”, teria sido o maior e o mais populoso quilombo da margem direita do Rio Grande, provavelmente destruído pelas expedições da década de 1740. Após a destruição do primeiro Quilombo do Ambrósio, outro quilombo teria sido construído a oeste desse, com o mesmo nome e organização socioeconômica.

IV - CONSIDERAÇÕES SOBRE A POPULAÇÃO DO CAMPO GRANDE

Devido à falta de elementos de mensuração, uma vez que não foram localizados registros sobre batismos, nascimentos, óbitos e matrimônios envolvendo essa população, não foi possível realizar estimativa exata da média populacional desse conjunto de quilombos. Para efeitos de previsão, levou-se em conta os estudos realizados por Raimundo José da Cunha Matos (1979, p. 50) o qual aponta o número de 6 (seis) pessoas por residência nas vilas da Capitania de Minas em 1834 e que também é utilizado como referência para os estudos realizados por Tarcísio José Martins (1995, p. 202-203).

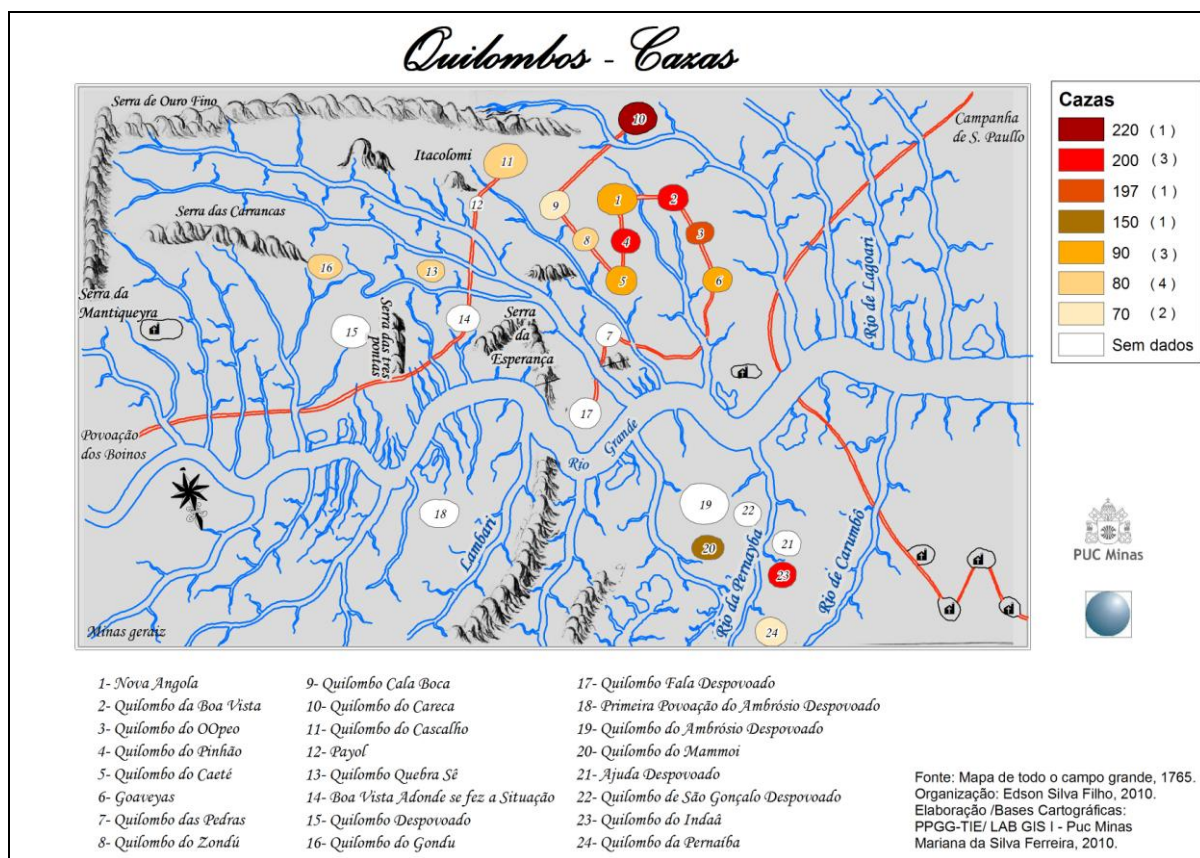


Figura 04: Mapa de Todo o Campo Grande – Casas. Fonte: Mapa Sob guarda do IEB-USP, citado por COSTA, 2004, p. 62 retrabalhado por Silva Filho a partir do mapa original.

Além das estimativas apresentadas, levou-se ainda em consideração fatores ligados à organização econômico-social dessas comunidades, uma vez que a base da economia dos quilombos era a agricultura policultora-comunitária, que satisfazia

a necessidade dos quilombolas, produzindo ainda um excedente comerciável. Artesanato, metalurgia e tecelagem constituíam-se também em importantes atividades econômicas desenvolvidas dentro dos quilombos. (MOURA, 1987, p. 26)

Ressalta-se que, dos 24 quilombos destacados no “Mapa de Todo Campo Grande”, em 15 deles encontra-se registrado o número de casas encontradas que somadas totalizam um conjunto de 1637 (um mil seiscentos e trinta e sete) edificações. Levando-se em consideração que, em tese, não existiam preocupações contraceptivas, teoriza-se que as taxas de natalidade e mortalidade eram elevadas. Dessa forma, se considerarmos o número médio de habitantes por casa correspondente a 6 (seis) indivíduos, haveria uma população de 9.822 (nove mil oitocentas e vinte duas) pessoas, subdivida em 15 dos 24 núcleos quilombolas.

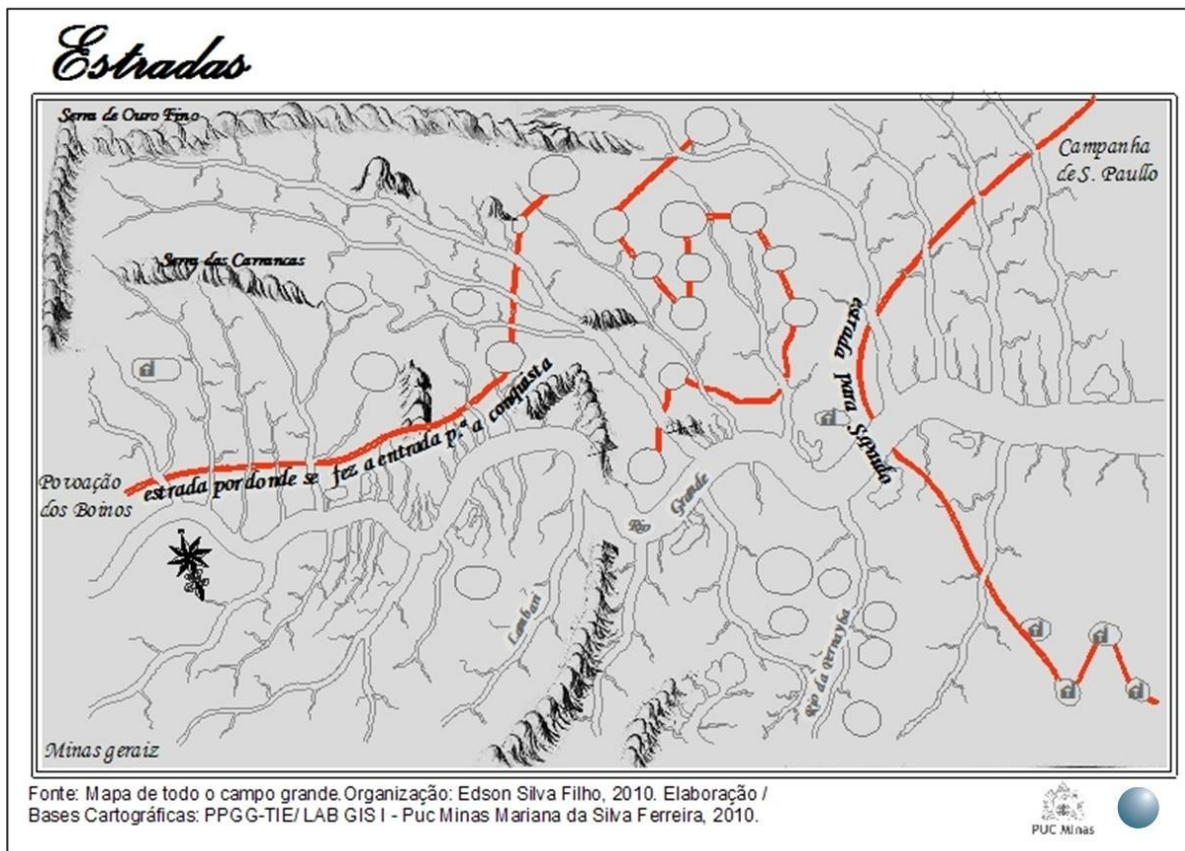


Figura 05: Mapa de Todo o Campo Grande – Casas. Fonte: Mapa Sob guarda do IEB-USP, citado por COSTA, 2004, p. 62 retrabalhado por Silva Filho a partir do mapa original.

De acordo com a nota explicativa anexa ao documento histórico, o mapa teria sido confeccionado pelo Capitão Antônio Francisco França no formato de uma rede de drenagem dendrítica arborescente, ou seja, apresentando a disposição dos rios formando um esgalhamento. Faz referência à procura por ouro, às dificuldades enfrentadas pela expedição e à destruição de pelo menos um desses quilombos. O mapa apresentado na Fig. 05, destaca as estradas percorridas pela expedição para alcançar os quilombos.

V - CONTEXTO HISTÓRICO E ANÁLISE DO MAPA DA CONQUISTA DE TODO O CAMPO GRANDE



Figura 06 - Mapa da Conquista do Mestre de Campos Regente Chefe da Legião Ignacio Correya Pamplona, elaborado por Manoel Ribeiro Guimarães, citado como uma cópia de 1784, manuscrita em aquarela que mede 32 x 40 cm. Fonte: Mapa sob guarda do AHU, citado por COSTA, 2004, p.62.

O “Mapa da Conquista do Mestre de Campos Regente Chefe da Legião Ignácio Correia Pamplona”, apresentado na Fig 07 contém mais informações que o analisado anteriormente. O documento compreende toda a margem direita da área cartografada no “Mapa de Todo o Campo Grande”. A orientação é apresentada por meio de uma flor-de-lis estilizada, não traz legenda e a escala é dada em léguas. O norte do território representado é marcado pela confluência do Rio São Francisco e Rio Abaeté, no sul destaca-se o Rio Grande; a oeste, a Serra dos Confins e o Rio Santa Fé; e a leste, a Capela Santa Oliveira. Além dos quilombos, traz a localização de capelas, igrejas matrizes, arraiais,

fazendas, estradas, aldeias de indígenas, de destacamentos militares, de elementos do relevo, da hidrografia e da vegetação.

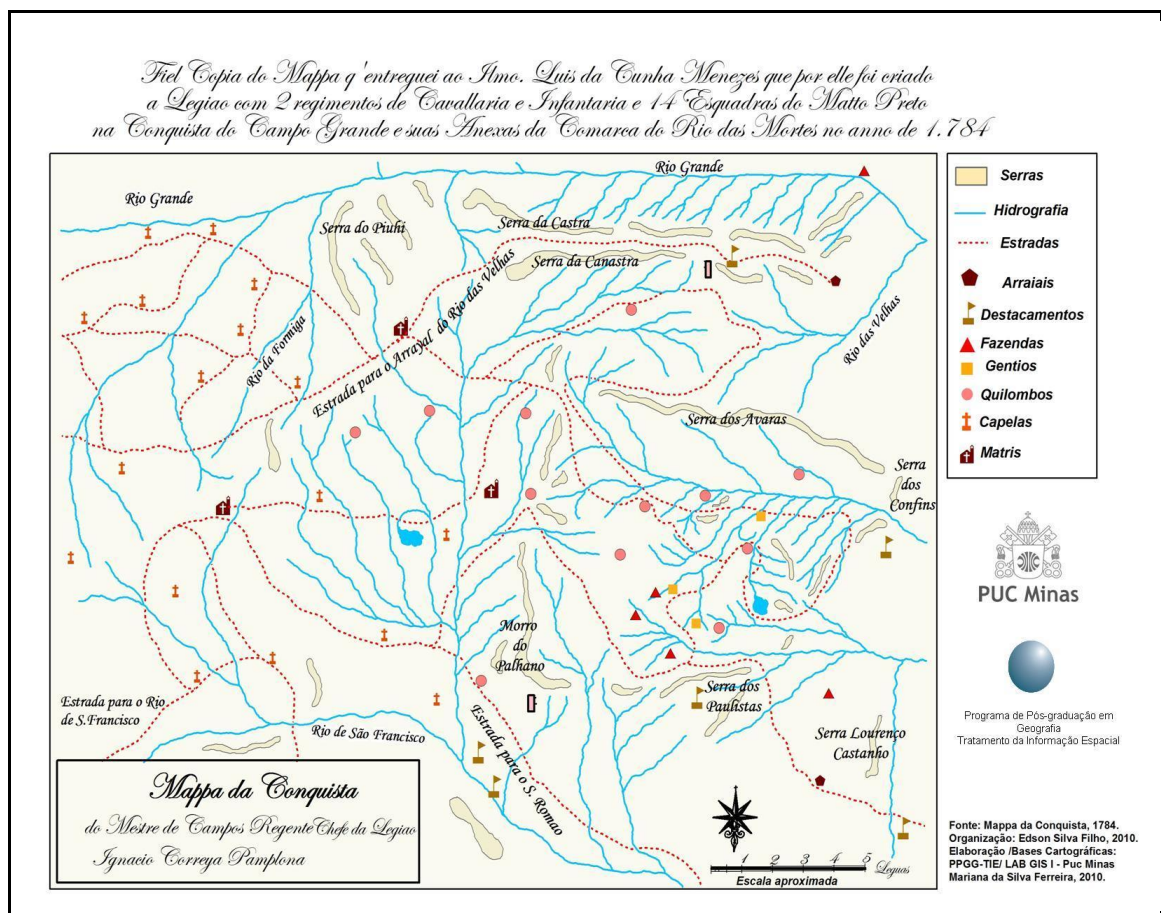


Figura 07: Mapa Exhaustivo do Mapa da Conquista do Mestre de Campo. Fonte: Mapa sob guarda do AHU, citado por COSTA, 2004, p.62, retrabalhado por Silva Filho a partir do mapa original

Para se compreender o mapa, é importante registrar que, na década de 1740, a capitania vivia um paradoxo. De um lado, ocorria o crescimento da população nas áreas de mineração, por outro, o ouro era cada vez mais escasso. Esse fato provavelmente obrigou um grande número de pessoas a buscarem alternativas de sobrevivência, passando, dessa forma, a disputar com os negros as terras afastadas do núcleo minerador, até então ocupadas, pelo menos em parte, por quilombos.

Os fazendeiros viam no combate aos quilombos a oportunidade de garantirem a posse efetiva de suas terras e, até mesmo, de ampliá-las, com a possibilidade de conseguirem a doação de uma ou mais sesmarias como recompensa por sua participação no combate aos quilombos. Assim, combater os quilombolas era, para uns, motivo de sobrevivência, para outros, de lucro.

Em 1769, governava a capitania de Minas Gerais José Luiz de Menezes Castelo Branco, o Conde de Valadares, que convocou Ignácio Correia Pamplona, encarregando-o de formar uma expedição com pessoas interessadas em se estabelecer na zona do Campo Grande e além da Serra da Marcela, que fica na região do atual centro-oeste mineiro, também cartografada no “Mapa de Todo o Campo Grande”.

Ignácio Correia de Pamplona, líder de uma das expedições enviadas aos sertões das Minas Gerais, fazia questão de resolver as pendências judiciais, prender criminosos, processar outros e matar os inimigos indígenas e quilombolas (ANAIIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, 1988, p. 73-90). Pamplona possuía poderes absolutos dados pelo Governador ao lhe patentear como Mestre de Campo e “Regente dos distritos de Pium-í, Bambuí, Campo Grande e Picada de Goiás”. (SOUZA, 1996, p. 198).

Na expedição comandada por Pamplona, todos os quilombos encontrados achavam-se vazios ou com pouquíssimas pessoas. Parece que a estratégia adotada pelos quilombolas foi sempre a fuga em detrimento da luta. Conjectura-se que os quilombolas tinham total conhecimento da região e, possivelmente, com a utilização de espíões e batedores, conseguiam se adiantar aos movimentos da tropa, evitando o conflito.

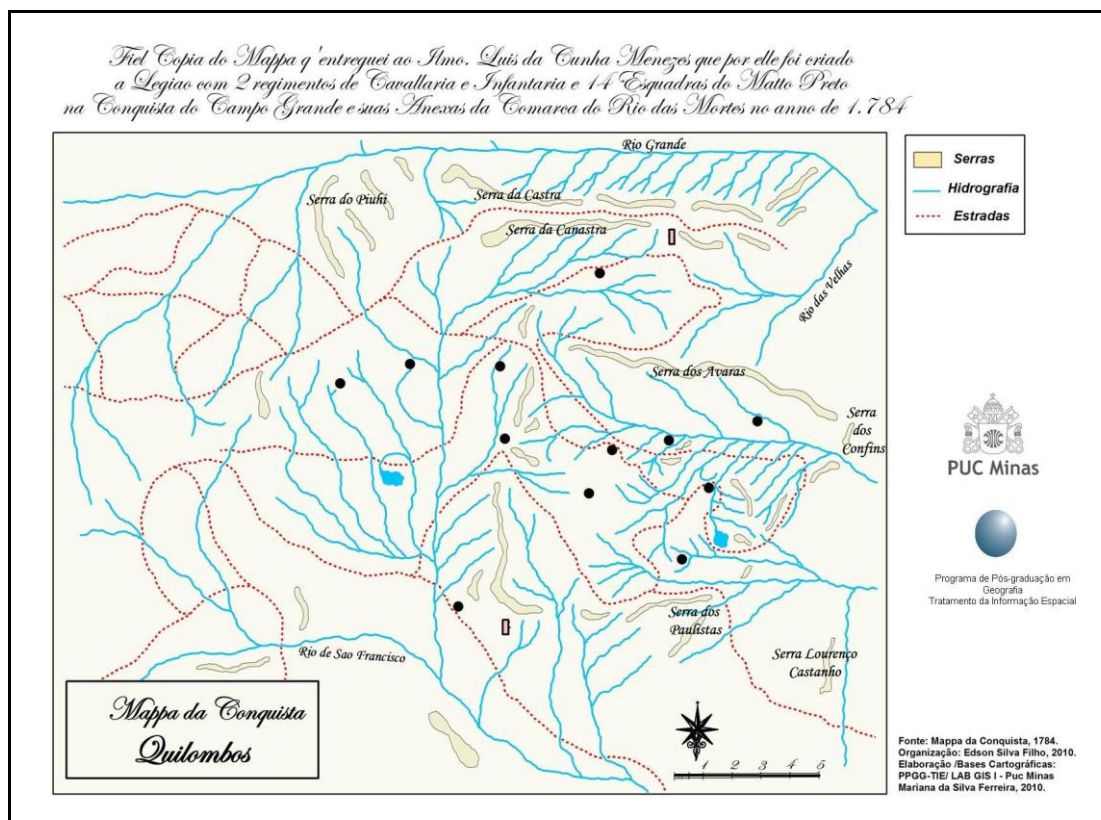


Figura 08: Mapa da Conquista do Mestre de Campo - Quilombos. Fonte: Mapa sob guarda do AHU, citado por COSTA, 2004, p.62, retrabalhado por Silva Filho a partir do mapa original

No “Mapa da Conquista do Mestre de Campos Regente Chefe da Legião Ignácio Correia Pamplona”, os quilombos são representados por círculos enumerados do número 30 ao 43. Estão localizados nas proximidades de rios, elementos da vegetação e do relevo. Do total de 12 quilombos, 7 (sete) constam ter sido destruídos pelo Mestre de Campo.

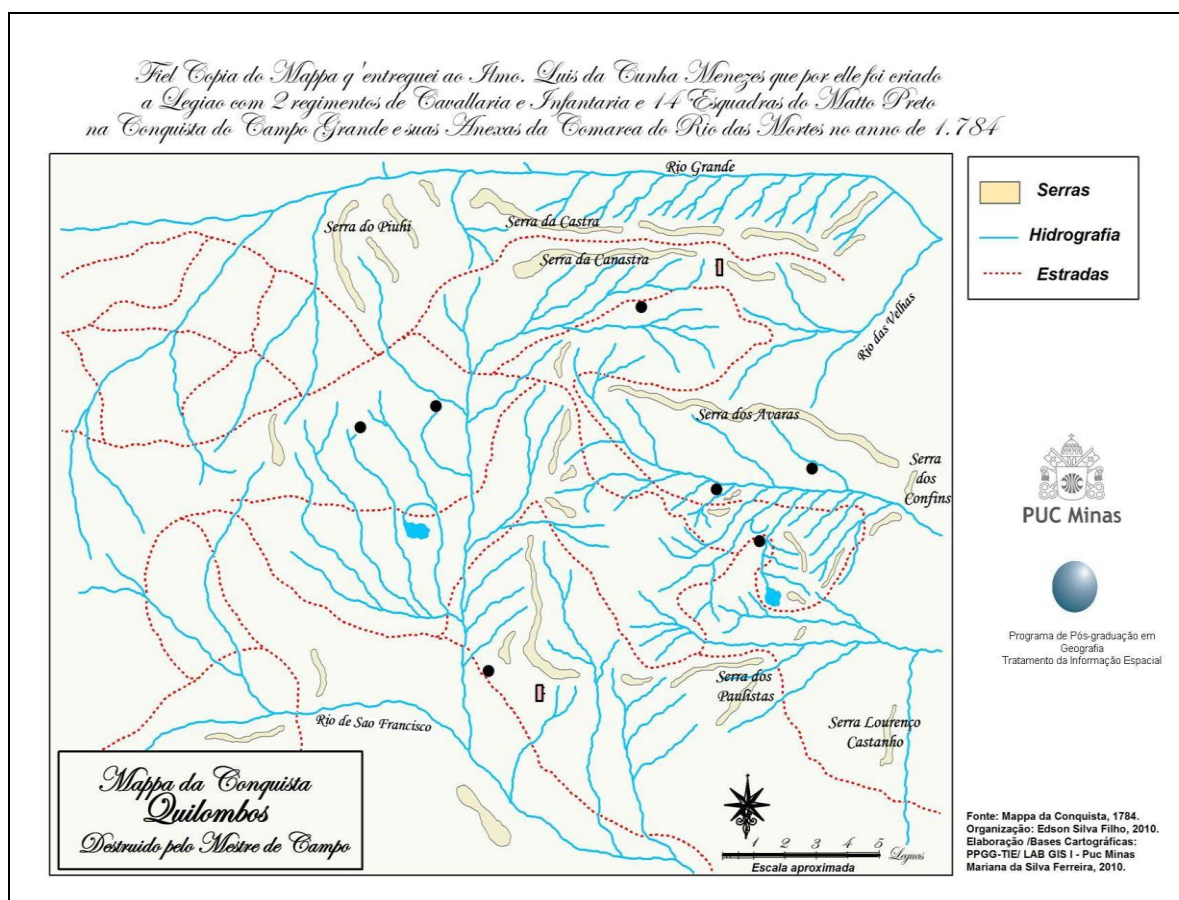


Figura 09 – Mapa da Conquista do Mestre de Campo – Quilombos Destruidos pelo Mestre de Campo. Fonte: Mapa sob guarda do AHU, citado por COSTA, 2004, p.62, retrabalhado por Silva Filho a partir do mapa original.

Os quilombos de números 33, 34 e 39 foram destruídos por “boinos”. No desenvolvimento dessa pesquisa não foi localizada a origem da palavra “boinos”. Conjectura-se que esse termo possa estar ligado à palavra “baino”, reinóis ou emboabas. Entende-se por reinóis - ou emboabas - os portugueses do reino, baianos, pernambucanos e todos aqueles que não eram paulistas. Trata-se, possivelmente, de quilombos destruídos pelos emboabas por ocasião da guerra de mesmo nome que opôs paulistas e emboabas no início do século XVIII, pelo domínio e controle das jazidas de ouro das Minas Gerais, sobretudo na

região da cidade mineira de São João Del-Rei. Outra possibilidade é que a palavra “boinos” esteja ligada a expedição de combate aos quilombos, comandada por Bartolomeu Bueno do Prado em 1759. Possivelmente o sobrenome “Bueno” tenha sido usado para designar as tropas chefiadas por esse bandeirante e que o termo, ao longo dos anos, tenha sofrido alterações gráficas e fonéticas, porém designando o mesmo grupo para-militar, à época empenhado na destruição desse conjunto de quilombos.

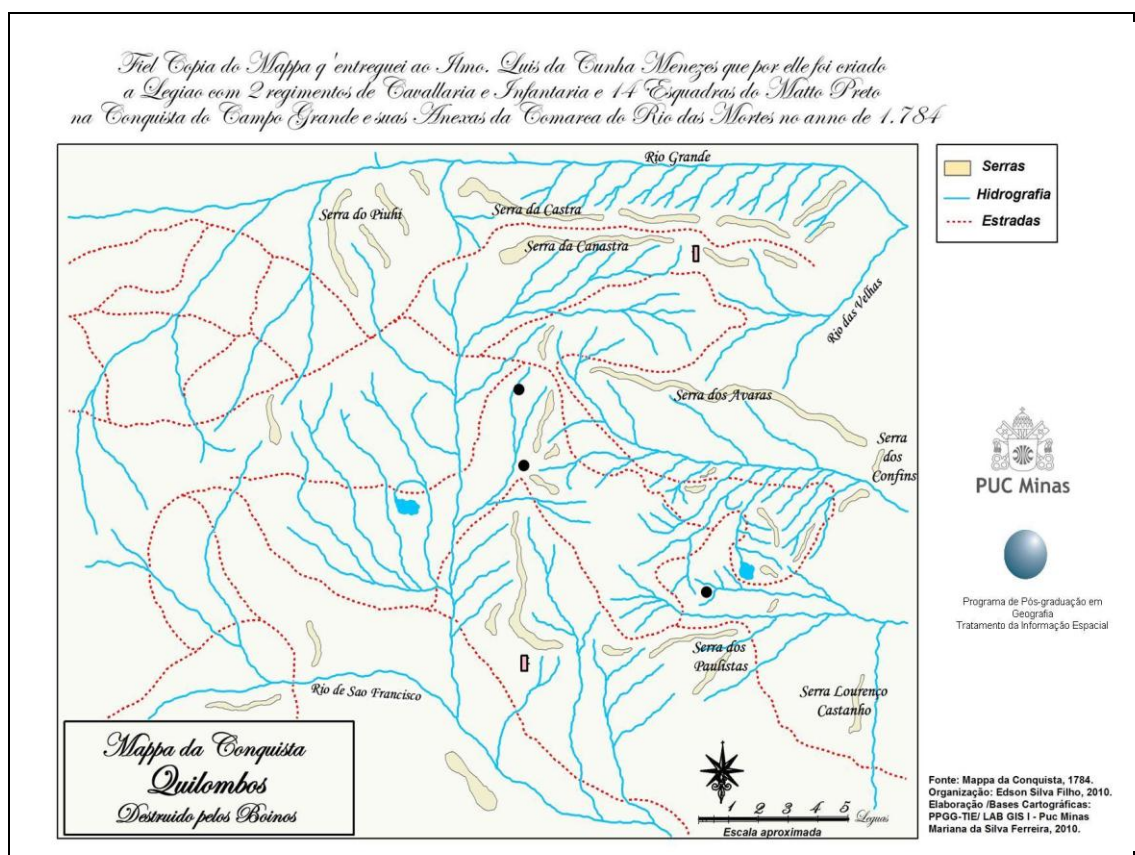


Figura 10: Mapa da Conquista do Mestre de Campo - Boinos. Fonte: Mapa sob guarda do AHU, citado por COSTA, 2004, p.62, retrabalhado por Silva Filho a partir do mapa original.

De acordo com o diário descrito pelo escrivão, no dia 14 de outubro, a expedição atravessou a Serra da Marcela, indo pernoitar em uma clareira que fica em posição frontal à Serra da Canastra. No dia seguinte, atravessou o Rio da Misericórdia, alcançou o Morro da Gorita, chegando ao Quilombo do Ambrósio no dia 16 do referido mês. No “Mapa da Conquista” não consta a localização do Ribeirão da Misericórdia, porém tanto no citado mapa quanto no croqui, a localização do Quilombo do Ambrósio

encontra-se a nordeste da Serra da Marcela e a oeste do Rio das Onze Mil Virgens. Outra importante indicação de topônimo se refere à Serra da Mangabas, citada no croqui, e a Serra das Mangabeiras, situada em localização semelhante no “Mapa da Conquista”, concluindo-se assim tratar-se do mesmo relevo. (ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, 1988, p. 101-102).

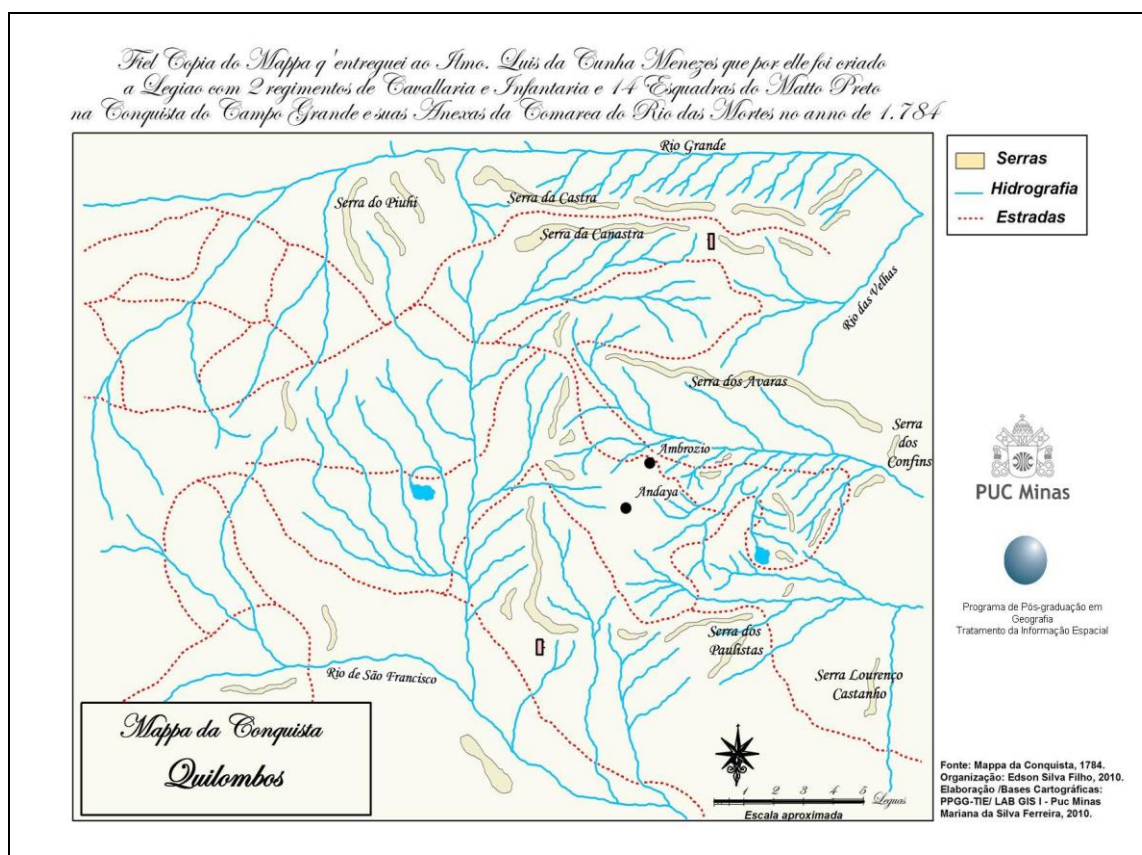


Figura 11: Mapa da Conquista do Mestre de Campo - Quilombo do Ambrósio. Fonte: Mapa sob guarda do AHU, citado por COSTA, 2004, p.62, retrabalhado por Silva Filho a partir do mapa original.

Acredita-se que os quilombos destruídos pela expedição de Bartolomeu Bueno do Prado, cartografados no “Mapa de Todo o Campo Grande”, foram novamente reconstruídos na mesma região, mas em locais diferentes, conforme cartografia do “Mapa da Conquista de Todo o Campo Grande do Mestre de Campos Ignácio Correia Pamplona”.

Pode-se inferir, com a expedição de Pamplona, que não ocorreu um grande repovoamento dos quilombos do Campo Grande, destruídos por Bartolomeu Bueno do Prado na expedição de 1759, pois ao atacar alguns quilombos, Pamplona encontrou uma pequena população de negros, envolvidos em

atividades de subsistência, não havendo relatos de embates ou conflitos. O Quilombo do Ambrósio foi encontrado em ruínas. (SOUZA, 1996, p.206).

VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criação de um banco de dados e de layers do “Mapa da Conquista da Conquista de Todo o Campo Grande” e do “Mapa da Conquista do Mestre de Campo” possibilitou a análise de uma série de informações histórico-geográficas contidas nos dois documentos. A representação temática permitiu a realização de análises de cunho individual, nas quais cada um dos mapas referiu-se a um tema específico, podendo esses ser analisados em seu conjunto através do mapa exaustivo.

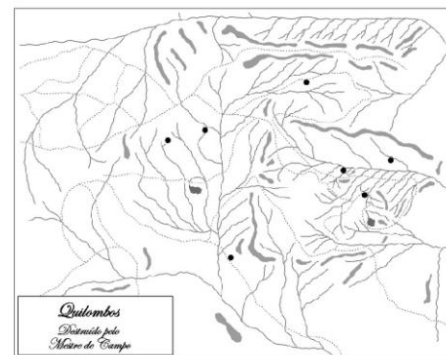
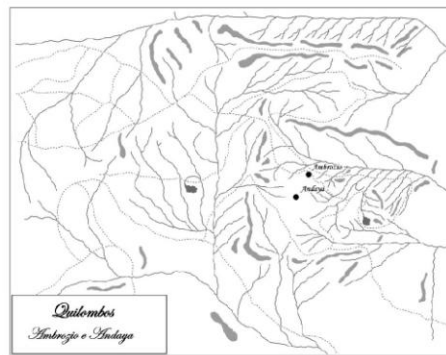
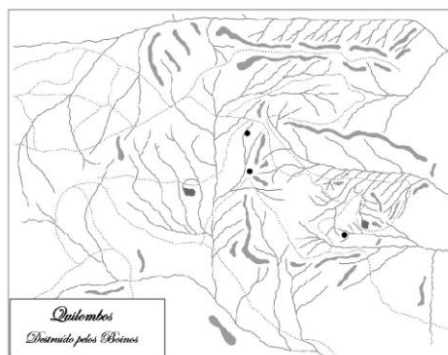
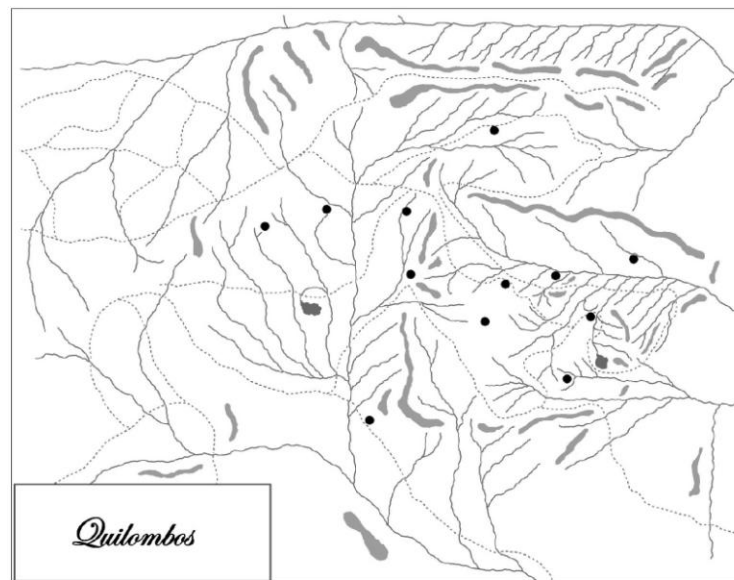
Para a análise das diferentes informações relativas aos quilombos contidas no “Mapa da Conquista do Mestre Campo”, foi elaborada uma coleção de mapas, apresentados na figura 11, tendo por objetivo possibilitar uma visão global sobre os diferentes tipos de informação referentes aos quilombos.

O tratamento da documentação cartográfica histórica em ambiente digital possibilitou a realização de análises de cunho geográfico e histórico com maior rigor científico. Criou um banco de dados com informações importantes sobre a organização dos negros das Minas Gerais em quilombos no período setecentista, fato, até o momento, pouco explorado pelas pesquisas científicas e agora disponível para estudiosos e interessados pelo assunto, que utilizando-se dos dados construídos poderão, possivelmente, elaborar novas hipóteses.

Um fato desafiador para a realização desse trabalho, diz respeito ao processo de Georreferenciamento dos documentos históricos, pois de acordo com MARQUES, citado por José Flávio de Castro (2006, p. 6). tal procedimento deve seguir a seguinte normalização:

a conversão de valores de longitude é, de acordo com as normas internacionais de descrição bibliográfica de material cartográfico (ISBD-CM), obrigatória. Esta obrigatoriedade justifica-se na medida em que os valores de longitude só podem constituir um ponto de acesso para pesquisa se possuírem um plano de referência comum.

As dificuldades de aplicação do processo de georreferenciamento aos dois documentos históricos utilizados como fonte primária de informação e pesquisa diz respeito ao fato de ambos, não terem sido elaborados a partir de uma rede de paralelos e meridianos, seja da época (Ferro) ou atuais (Greenwich).



Fonte: Mappa da Conquista, 1784. Organização: Edson Silva Filho, 2010. Elaboração /Bases Cartográficas: PPGG-TIE/ LAB GIS I - Puc Minas Mariana da Silva Ferreira, 2010.



Figura 12: Coleção de Mapas do Mapa da Conquista de Todo o Campo Grande. Fonte: Mapa sob guarda do AHU, citado por COSTA, 2004, p.62, retrabalhado por Silva Filho a partir do mapa original.

VII - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMANTINO, Marcia Sueli. O mundo das feras: os moradores do Sertão Oeste de Minas Gerais. século XVIII. Rio de Janeiro, UFRJ, IFCS, 2001. 426 f. Disponível em: <<http://www.homemdocerrado.com/PDF/mundodasferas.pdf>> Acesso em: 11 jul. 2007.
- ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL: Textos e Estampas relativos à situação do Negro no Brasil - Encontrando Quilombos Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1988. v. 108.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. Negros e quilombos em Minas Gerais. BH:[s.n.], 1972, 183p, p. 31.
- CARVALHO. Leonardo Franklin de; CASTRO, José Flávio Morais. Resgate de Mapas Históricos da Capitania de Minas Gerais em Ambiente SIG. 3º Simpósio Iberoamericano de História da Cartografia: Agendas para a História da Cartografia Iberoamericana. USP, São Paulo, abril de 2010.
- CASTRO, José Flávio Morais. et al. visualização cartográfica dos mapas de Minas Gerais dos setecentos e oitocentos: em destaque as bases urbanas. VI SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE QUALIDADE DE VIDA URBANA E V SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS URBANOS 10 a 14 de outubro de 2006 Belo Horizonte.
- COSTA, Antônio Gilberto (org). Cartografia da Conquista do Território das Minas. Belo Horizonte: editora UFMG; Lisboa: Kapa Editorial, 2004. 244p
- GUIMARÃES, Carlos Magno. Uma negação da ordem escravista: quilombos em Minas Gerais nos séculos XVIII. São Paulo: Ícone, 1988.
- MARTINS, Tarcísio José. Quilombo do Campo Grande: a história de Minas roubada do povo. São Paulo: A Gazeta Maçônica, 995.
- MATOS, Raimundo José da Cunha. Corografia histórica da província de Minas Gerais: 1837. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1979. nv. (Publicações do Arquivo Público Mineiro;3)
- MOURA, Clovis. Quilombos: resistência ao escravismo. São Paulo: Ática, 1987 (Série Princípios).
- PALHARES, Ricardo Henrique. AutoCAD Map 2002: introdução, noções e conceitos básicos: Belo Horizonte: Dept de Geografia / Laboratório de Cartografia - PUC Minas.
- SANTOS, M.M.D (Org.). Elementos de Cartografia Histórica. Belo Horizonte: Centro de Referência em Cartografia Histórica, 2006. (CD Rom)
- SOUZA, Laura de Mello de. Violência e Práticas Culturais no Cotidiano de uma Expedição Contra Quilombolas em Minas Gerais, 1769. REIS, João José GOMES, Flávio dos Santos (Org.). Liberdade por um fio: história dos quilombos do Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1996. p. 193 - 212.